



Nau Literária: crítica e teoria de literaturas  
www.seer.ufrgs.br/nauliteraria  
ISSN 1981-4526 – PPG-LET-UFRGS – Porto Alegre  
Vol. 11 N. 02  
Literatura e Guerra

## A GUERRA, O IMAGINÁRIO E O REAL DENTRO DO “ETERNO RETORNO” D’A *GUERRA NO BOM FIM*

CHRISTINI ROMAN DE LIMA<sup>i</sup>

**Resumo:** Este artigo procura analisar como a temática da guerra e da intolerância contra judeus e palestinos é tratada na primeira edição da obra de Moacyr Scliar, *A Guerra no Bom Fim*, publicada em 1972.

**Palavras-chave:** Guerra. Intolerância. Judeus. Imaginário.

**Abstract:** This article attempts to analyze how the theme of war and intolerance against Jews and Palestinians is dealt with in the first edition novel of Moacyr Scliar's, *A Guerra no Bom Fim*, published in 1972.

**Keywords:** War. Intolerance. Jews. Imaginary.

*A Guerra no Bom Fim*, romance de estreia de Moacyr Scliar, publicado em 1972, retrata a trajetória de formação de Joel, um judeu pertencente à primeira geração de imigrantes nascidos no Brasil, que procura encontrar o seu lugar entre as tradições judaicas e a cultura do país em que nasceu. Em sua primeira edição, *A Guerra no Bom Fim* era composta por quatro partes: a infância do protagonista – sem título; a juventude – “A Guerra no Morro da Velha”; e a vida adulta – dividida em: “A Guerra em Israel ou o progresso do peregrino”; e “A guerra na unidade coronária”. Posteriormente a obra foi modificada, sendo mantida apenas a parte inicial. A trama da primeira edição, em que se deterá este artigo, discorre sobre o imaginário e os conflitos do menino – como a morte prematura de seu irmão, o antissemitismo e a guerra –, passa pela crise identitária do jovem e aporta na busca do homem por suas origens – as quais se desdobram no reflexo de Joel sob o rosto do palestino Abu Shihab e no reencontro com o Bom Fim.

A obra de Scliar inicia-se no ano de 1943, em meio à Segunda Guerra Mundial, associada ao imaginário infantil de Joel. Esta guerra é abordada apenas pelo ângulo do imaginário, mas, ainda assim, demonstra os efeitos do conflito na formação do garoto e em toda uma geração de judeus que não estavam diretamente envolvidos no evento, mas sofriam as repercussões advindas dele.

A Segunda Guerra Mundial foi desencadeada a partir da década de 1930, quando na Europa se instalaram governos totalitários com fortes objetivos militaristas e expansionistas. Na Alemanha, Hitler liderou o nazismo com a pretensão de expandir o território alemão, desrespeitando o Tratado de Versalhes. Na Itália vigorou o Partido Fascista, comandado por Benito Mussolini. Estes dois países passavam por graves crises econômicas no período. O Japão, por sua vez, também almejava ampliar seus domínios para territórios vizinhos e ilhas da região. Os três países uniram-se e compuseram o “Eixo” – aliança com objetivos comuns em relação às conquistas e evidentes características militares.

O Partido Nazista de Hitler impulsionou a criação de leis antissemitas que conduziram a boicotes econômicos e ondas de violência contra os judeus, tais como programas que tinham por finalidade isolar sistematicamente os israelitas da sociedade alemã e forçá-los a deixar o país. Estes programas culminaram na “Solução Final”, visando ao extermínio de milhares de judeus:

Os acontecimentos políticos do século XX atiraram o povo judeu no centro do turbilhão de eventos; a questão judaica e o antissemitismo, fenômenos relativamente sem importância em termos de política mundial, transformaram-se em agente catalisador, inicialmente, da ascensão do movimento nazista e do estabelecimento da estrutura organizacional do Terceiro Reich, no qual todo cidadão tinha de provar que não era judeu ou descendente dos judeus; e, em seguida, de uma guerra mundial de ferocidade nunca vista, que culminou, finalmente, com o surgimento do genocídio, crime até então desconhecido em meio à civilização ocidental (ARENDDT, 1979, p. 20).

O contexto histórico em que se passa a parte inicial do romance de Scliar – o ano de 1943 – é marcado pelas derrotas do “Eixo”, principiadas com as perdas sofridas pelos alemães no rigoroso inverno russo. Isto se dá também a partir da entrada dos EUA no conflito, e com os aliados ganhando força nas frentes de batalhas. Nesse contexto, o Brasil declara guerra ao lado dos aliados e envia para a Itália (região de Monte Cassino) os pracinhas da Força Expedicionária Brasileira (FEB). Entretanto, no começo da guerra o governo Vargas pendia para o lado do Eixo e também praticava a política antissemita, restringindo a entrada no território brasileiro de imigrantes e refugiados judeus dos campos de concentração nazista.

A Segunda Guerra e a intolerância contra os judeus se apresentam em *A guerra no Bom Fim* principalmente nas imagens e nas metáforas, fruto das fantasias do garoto Joel, que são desencadeadas a partir do noticiário radiofônico, dos filmes, do funileiro polonês, e do ex-combatente nazista Ralf Schmidt (e seus filhos). Dentro deste contexto, a primeira parte do enredo é fortemente marcada pelo fantástico, já que a história é construída sob a perspectiva de Joel criança e conta com um narrador discreto, colado ao protagonista. Portanto, na primeira parte do enredo, a narrativa se dá através do olhar do menino sobre o mundo a sua volta:

Este cão, este “Melâmpio”, odiava os judeus. Nas noites de inverno subia o morro e latia, o focinho apontando para o Bom Fim; procurava atrair *Stukas* e *Messerchitts* para a casa de Samuel. Não conseguindo, ficava a uivar para a Lua (1972, p.14).

No segundo momento, o texto acompanha a perspectiva do jovem Joel e, consequentemente, ganha aspecto realista: “A nave da saúde fez-se ao largo levando o Capitão Joel sentado majestosamente na cadeira do dentista; vestia avental branco com o emblema da Associação e abanava para todos com o boticão. Lentamente o veículo percorreu o Morro, aplaudido pelos habitantes” (1972, p. 100). Entretanto, o aspecto realista é intercalado por momentos oníricos, o que garnate a continuidade do tom fantástico em todo o romance:

Naquela noite Joel vê pela primeira vez, em sonhos, o Capitão Metsuian.

Figura lendária, misterioso personagem de barba ruiva, o Capitão Metsuian tem a força de Sansão, de Barney Ross e do Homem-Montanha, a sabedoria de Salomão, a astúcia de um levantino, a paciência de um dentista, a resistência de um camelo, a coragem de

um menino chamado Joel, a persistência de um *clienteltick*, a beleza da Rainha de Sabá, o calor do *hamsin*.

O capitão Metsuian voa – e não apenas a oitenta centímetros de altura sobre as garrafas quebradas, trapos sujos e jornais velhos – mas a milhares de pés em seu *Phanton* negro (1972, p. 158).

Na primeira versão da obra de Scliar, de 1972, o panorama parece ampliar-se geograficamente: no início, a trama aborda tão somente o bairro do Bom Fim, que, para o garoto, era um país – o seu país. Depois ocorre a dispersão dos antigos moradores, e a narrativa quase não se reporta ao bairro. Joel transita por diversos lugares; ele não é mais uma criança, logo o Bom Fim não é mais o país do início. Na sequência, a óptica é a do homem em busca de suas raízes: Joel viaja para Israel e a narrativa acompanha esta peregrinação. A partir disso, o texto segue uma dupla perspectiva: apresenta o olhar do menino muçulmano Abu Shihab, o “outro” de Joel ou o seu desdobramento reverso – e com ele o retrato dos conflitos israelo-palestinos –, concomitantemente à jornada de Joel pelo Oriente Médio. Por fim, o protagonista, assim como o enredo, retorna ao Bom Fim.

A guerra é, pois, um elemento de grande importância no romance, sendo que está presente na primeira parte enquanto elemento conversor da imaginação do garoto: é o motor do imaginário infantil de Joel e representa papel fundamental na formação do sujeito. A guerra também aparece na parte final, no “eterno retorno” da história em que o homem descobre-se em sua peregrinação, sendo que a guerra caracteriza-se novamente como fundamental na formação do “outro”, do seu “outro”, do menino Abu Shihab.

O “eterno retorno”, entre a Segunda Guerra Mundial e a guerra entre israelenses e palestinos, principia com o garoto em meio à sua guerra imaginária, ecoando no drama real do garoto Abu Shihab, o “duplo” de Joel. As repetições no texto de Scliar – que convergem a trama inicial à final, paralelamente – podem representar a própria história judaica que, a despeito da época ou do lugar em que seus descendentes estejam, repete-se incansavelmente.

A angústia identitária, drama que atravessa a obra de Scliar, sempre marcou a trajetória do povo judeu, conforme destaca Hannah Arendt (1979, p. 19): “em parte alguma e em tempo algum depois da destruição do Templo de Jerusalém (no ano 70) os judeus possuíram território próprio e Estado próprio; sua existência física sempre dependeu da proteção de autoridades não-judaicas”. Por não disporem de um território e Estado próprio, os judeus passam a viver o dilema entre a assimilação e a marginalização. Arendt ressalta em relação aos judeus europeus no contexto da sociedade burguesa do século XIX:

Os padrões de conduta dos judeus assimilados, determinados por esse esforço concentrado e contínuo de se distinguirem, criaram um tipo de judeu que se podia reconhecer onde quer que ele estivesse. Em lugar de serem definidos por nacionalidade e religião, os judeus se transformavam num grupo social cujos membros compartilhavam certas qualidades e reações psicológicas, das quais a soma total seria, supostamente, a “condição de judeu”. Em outras palavras, o judaísmo passou a ser uma condição psicológica, e a questão judaica se tornou um complicado problema pessoal para cada judeu individualmente.

[...] A sociedade burguesa, em sua busca de entretenimento e em seu apaixonado interesse pelo indivíduo que diferisse das normas, descobriu a atração por tudo que podia

ser julgado misterioso, perverso ou secretamente mau. E foi precisamente esse febril e doentio interesse que abriu a porta da sociedade aos judeus; pois, dentro do cenário dessa sociedade, a "condição de judeu", após haver sido distorcida tornando-se qualidade psicológica, podia ser facilmente vista como qualidade de perversão, quase um vício (ARENDE, 1979, p. 88 e 90).

Este dilema é caracterizado, no enredo de Scliar, através da migração judaica, retratado por meio da família de Joel, composta por Leão e Pessl, seus avós, Samuel e Shendl, seus pais, Nathan, seu irmão, e Malke Tube, a égua da família. Leão e Pessl, buscando fugir do clima, da miséria e dos *pogroms* da Rússia czarista, partem com a família para o sul do Brasil, incentivados pelas promessas de um futuro melhor e pela perspectiva oferecida pela *Jewish Colonization Association* de tornarem-se lavradores nas colônias de Quatro Irmãos, no Rio Grande do Sul.

Leão e família deixam a Rússia para tomar posse de uma gleba de terra na colônia de Filipson, entretanto, mostraram-se inaptos para vida rural. Leão era alfaiate, “sabia manejar agulha e linha, não a enxada”. A promessa inicial não se concretiza e, mais uma vez, a família tem de “levantar âncoras” rumo à urbana Porto Alegre e ao bairro do Bom Fim. Da promessa migratória de Filipson resta apenas a égua Malke Tube – que apareceu nas terras de Leão “como milagre”: “a primeira dádiva que receberam” (1972, p. 13).

Malke Tube, outrora a égua sensual, debochada e “Maliciosa”, tornara-se, para eles, o símbolo da esperança de uma vida promissora, o último vestígio das colônias que motivaram a migração. Esta “primeira dádiva” – insígnia da “Fortuna”, ou seja, do destino venturoso que “estava-lhes escrito” – concedida à família, no entanto, tem de ser açoitada para “gerar frutos” e, ainda assim, jamais se entrega plenamente a eles:

Seis meses depois a família deixa Filipson e viaja para Porto Alegre. “Tube” vai junto, num vagão de carga, vendo fugir ao longe as coxilhas.

No Bom Fim a égua envelhece e perde o deboche. Puxa com resignação a charrete de Samuel. Mas seus olhos não perderam o antigo brilho; e à noite sonha com centauros (1972, p. 13).

Samuel pertence à segunda geração de judeus imigrantes e, mesmo nascido na Rússia, passa a maior parte de sua vida no Brasil – pois era muito novo quando deixou seu país de origem –, o que o faz assimilar alguns traços da cultura local, embora as tradições judaicas imperem em sua formação. Samuel é casado com Shendl e tem dois filhos: Joel e Nathan. A família é pobre; vive modestamente com o dinheiro produto das “andanças” de Samuel que, “mascate”, vendia a prestação para uma clientela nem sempre muito receptiva: “gente desconfiada, que falava pouco e guardava dinheiro debaixo do colchão” (1972, p. 13).

No Bom Fim, as famílias judias eram muito próximas. No entanto, o bairro não era uma comunidade unicamente judaica; nele havia uma gama de imigrantes de várias origens, como o funileiro polonês, o casal alemão, os Schmidts, e a família alemã da menina Frida. Conviviam ainda com os moradores da Colônia Africana e do Morro da Velha, como o trio de mulatas sensuais, Maria, Madalena e Marieta, e o negro Macumba.

A narrativa traz um paralelo entre as comunidades judaica e africana, por, em um primeiro momento, serem vítimas de problemas comuns – como o estigma da perseguição a

que estavam submetidos historicamente e o dilema social da pobreza. Isto pode ser vislumbrado na metáfora da imagem invertida do *Pessach*, quando Macumba atravessa o mar barrento do quintal de Shendl e rompe o preconceito da mãe judia, preconceito advindo da escravidão dos judeus imposta pelos egípcios, e não da escravidão africana imposta pelo colonizador europeu. Sendo assim, a questão que os afastava, a escravidão, que relega tanto judeus quanto negros à margem e é a responsável pelos preconceitos e perseguições que sofrem, é, por outro lado, o fator que os aproxima no enredo. Shendl, ao se deparar com Macumba, enxerga nele o algoz egípcio, mas essa imagem logo se desconstrói pela gentileza e humildade do homem:

O negrão Macumba surgiu nos fundos da casa de Joel depois das grandes chuvas que precederam a festa de *Pessach*. (...) Era enorme e tinha um serrote na mão; pareceu a Shendl tão ameaçador quanto o Faraó o era para os judeus no Egito.

Macumba. Diante do mar, insensível aos flagelos: gafanhotos e rãs que pulavam sobre ele, úlceras que se abriam em seu corpo, sangue que corria de uma ferida em sua cabeça.

– Vai embora, malvado! – gritava Shendl enfurecida. – Sai daqui, assassino! Tuas mãos estão sujas de sangue de judeus!

(...) Lentamente o negro atravessou o quintal, caminhando na direção dela. As águas avermelhadas se abriram à sua passagem. (...)

Macumba respondeu com uma saudação gentil. Perguntou se não havia lenha para serrear; havia, e ele serrou muita lenha por um pouco de pão. Voltou muitas vezes depois, porque arranjava um emprego numa construção da Rua Henrique Dias. Nunca devorou ninguém (1972, p. 25).

O paralelo entre as comunidades também pode ser constatado na aproximação de Shendl à mulata sensual, Marieta:

Sempre fora pobre. Depois do jantar de *Sabat*, quando a família se reunia em torno da mesa da cozinha para tomar chá e comer *latkes*, contava aos filhos:

– A gente passava fome, eu e o pai de vocês. Mas me lembro que uma vez encontrei uma bala no meio da rua, em frente à antiga fábrica de caramelos (...) Abri a bala bem devagar, botei na boca. Que bala era aquela! Café com leite. (...) De repente veio o pai de vocês, me deu uma batida nas costas e engoli a bala. Engoli a bala café com leite! Quando estava no melhor.

– (...) Um dia arranjam um dinheiro e fomos ver um filme. Que filme era aquele! Triste e colorido, fazia a gente chorar (...). E no meio do filme – não é que o pai de vocês teve uma dor de barriga e tivemos de ir para casa? (...).

– Só tive dois vestidos bons. Um, a empregada do vizinho me roubou. Outro, o pai de vocês me deu. Que vestido era aquele! Rosa. Tinha flores verdes. Tinha fitas. Tinha rendas. (...) Tinha tudo. E o pai de vocês...

– Rasguei – confessava Samuel, arrasado (1972, p. 26 e 27).

Marieta, por sua vez, fala de sua infância na Colônia Africana.

– A gente passava fome, vivia mal. Vez por outra acontecia uma coisa boa, mas durava pouco: uma bala que mal a gente começava a chupar, escorregava goela abaixo; um filme que, quando ia ficar bom, terminava.

Conta de um vestido que Samuel tinha lhe vendido.

– Teu pai era o único que vendia vestidos na Colônia Africana. Uma vez minha mãe comprou um para mim. Que vestido era aquele! Rosa. Tinha flores verdes. Tinha fitas. Tinha rendas. Tinha um cinto preto. (...), tinha tudo. Quando vi aquele vestido tão lindo comecei a chorar. Pensei no dia em que ele ia ficar velho, desbotado. Abri a porta do fogão e joguei ele lá dentro. Preferi me lembrar dele sempre novo, do que ter um trapo em minha frente (1972, p. 197).

Joel e o frágil Nathan são os primeiros integrantes da família a nascer no Brasil; eles não conheciam outra realidade que não a do Bom Fim. Joel é o mais desembaraçado dos dois, anda pelo bairro com desenvoltura: “no Bom Fim, Joel sentia-se como um Rei” (1972, p. 17). Os garotos dormiam na mesma cama. Joel era baixo, ruivo e sardento; Nathan, pálido e magro, nunca dormia. Nathan era um garoto sensível, tocava violino como o avô Leão – de “ouvido”. Para o irmão, Nathan era toda melodia: “Encostava a orelha no crânio do outro, e ouvia sons, notas fugazes” (1972, p. 10). O narrador antecipa a morte de Nathan ao falar sobre Chagall e o Bom Fim:

Neste bairro, neste pequeno país, a esta luz, Chagall teria visto os violinistas em lento voo sobre os telhados; eram quatro; três quem seria? O quarto era Nathan, filho de Samuel e Shendl e irmão de Joel; Nathan, que teve uma hemoptise tocando *A idishe Mame* e caiu morto sobre a estante. Estes violinistas nunca mais foram vistos; desapareceram durante a guerra (seres de pouca velocidade, seriam alvo fácil para os *Stukas* e os *Messerschmitts*) (1972, p. 9).

Joel era o líder do grupo de meninos composto por Beto, Dudi, Mario Finkelstein (filho do Dr. Finkelstein), Francisco Zukierkorn, os irmãos Abrão e Moisés, Rubens, Motl Liberman, Pedro, Arnaldo, Favinho (Fábio Blumenfeld), Rafael, Miguel (o manco), Rute, Raquel, Nathan e Marcos. Eles se distinguem entre si:

Nathan voava. Marcos deitava no chão e ficava quieto. Rafael estava sempre rabiscando em papel de pão. Alberto dava o cu. Dudi era filho do professor de hebraico.

Rute era quase homem, fumava. Raquel era meiga e tinha um álbum de recordações (...). Fantasiava-se de Rainha de Sabá (...). Miguel, o manco, fazia contas de cabeça (1972, p. 19).

Todos estudam no colégio Iídiche. “Todo mundo menos Marcos” (1972, p. 15). Marcos é um “fora do lugar”: não fazia parte da escola Iídiche porque seus pais tinham uma boa situação financeira e eram amigos de pessoas influentes; em função disso colocam o filho em uma escola que julgavam ensinar “o que era necessário para vencer na vida” (1972, p.15). Porém, Marcos também não pertencia a este universo, “era o único judeu” da escola, provavelmente de imigrantes alemães – no contexto da segunda guerra:

Aquele colégio era feito de sólida pedra cinzenta. Em sua aula, Marcos era o único judeu. O professor, um homem alto e loiro, de aguados olhos azuis, perguntava a classe, numa voz inexpressiva:

– E quem estava por trás da Companhia da Índias Ocidentais, que tantos males causou ao Brasil?

Ninguém sabia.

– Os judeus – revelava o professor.

Toda a classe se voltava para Marcos (1972, p. 15).

Marcos simboliza a crise de identidade, crise por que passará também Joel – porém só quando jovem, depois de abandonar e ultrapassar as fronteiras do Bom Fim. Para Marcos, essa crise é tão violenta, que o menino não suporta a pressão: suicida-se. A situação financeira de sua família o impede de fazer parte da comunidade judaica do Bom Fim, em que grande parte dos integrantes vivia na pobreza, e sua condição étnica o impede de fazer parte da escola em que estuda, de maioria alemã.

A redenção de Marcos é o rompimento de sua existência, por meio da morte. A simbologia kafkiana da metamorfose ganha no texto de Scliar outra dimensão: aqui a barata representa uma imagem positiva, é sinônimo de liberdade e não de aprisionamento e repressão. Como barata, Marcos não é esmagado e varrido, mas sim voa sobre o Bom Fim, olhando divertido o próprio velório.

Assim como Marcos, Rosa também sofre em função da sua identidade, contudo, para mantê-la. Rosa traz no corpo o estigma da diferença: a vagina dentada. Por este motivo, é marginalizada dentro e fora da cultura judaica, sendo expulsa de casa por se recusar a eliminar de si o que a diferencia: “não podia renunciar a seus dentes, eram parte dela para o bem e para o mal” (1972, p. 37).

Rosa é caracterizada como uma garota que “cresceu cheia de ódio, não de amor. Era mal-humorada e tinha ataque de nervos. Olhava para os homens de maneira estranha” (1972, p. 36). Sendo assim, personifica a mulher histérica e o medo masculino da castração diante da sexualidade feminina ameaçadora – o homem em presença de sua vagina dentada, mesmo exercendo sobre ela a força, o abuso, acaba lesado:

Ao atravessar a Redenção foi atacada por um homem que a arrastou para a Casa Chinesa e chegou a possuí-la, apesar de sair sangrando e apavorado. Deixou atrás de si uma Rosa violada e chorosa, mais revoltada do que nunca. Foi viver na Rua Pantaleão Telles. Durante o dia dormia, como uma coruja. À noite vagava pela rua atrás de homens. Inutilmente; sua fama tinha se espalhado, todos fugiam dela (1972, p. 37).

Rosa, ainda assim, jamais deixou de pertencer à comunidade – “mesmo morando entre prostitutas, mesmo entregando-se a perversões, mesmo louvando os nazistas” (1972, p. 38). Por fim, Rosa acaba por render-se – e abrandar sua fúria sexual – ao bravo herói que quebra os “malignos” dentes com o falo revestido por um “delgado cano de cobre-níquel”.

Joel, por seu turno, quando criança, é baixo, ruivo e sardento, temia a galinha do vizinho e “na maior parte do tempo combatia os nazistas como capitão” (1972, p. 19). A guerra entra no cenário por meio do seu imaginário suscitado por filmes “que eram sempre de guerra”, conversas em frente ao bar Serafim e os “noticiosos” que os pais ouviam “em grandes rádios de válvula” (1972, p. 42). Todos os acontecimentos eram convertidos à guerra pela imaginação de Joel, como a morte de seu avô, o sumiço do cão Melâmpio, o afastamento de Rosa, entre outros incidentes.

Para Joel e sua turma, a guerra não era um fato traumático, apesar de o menino relacionar a morte do irmão e do avô a ela, o que pode ser comprovado por meio dos deboches ao funileiro polonês – o antissemita do bairro. A falta de perturbação frente aos insultos do homem acontece porque as crianças estão protegidas pela comunidade e também por não compreenderem inteiramente o que significava esta guerra. O narrador ainda destaca a iro-

nia entre o futuro destes meninos que eram insultados e que teriam carreiras promissoras, e o futuro do polonês que bêbado morre congelado:

– Judeus de uma figa! – gritava. – Os alemães vão fazer a peça em vocês! Já começaram, está bom? Já começaram. Estão fazendo sabãozinho de vocês. Estão assando vocês no forno, que nem galinhas depenadas. Que nem churrasco!

Joel ria, Beto ria, Dudi ria. Que nem churrasco! Riam.

O funileiro polonês ficava cada vez mais furioso.

– Estão botando a guasca no traseiro da mulher de vocês! E não botam na frente para não nascer filhos, para acabar de vez com a raça triste de vocês!

A turma ria. Como a turma ria! Ria Mário Fikelstein, filho do Dr. Finkelstein, que depois veio a se formar em Medicina, como o pai (...); ria Francisco Zukierkorn, que se formou em Engenharia e organizou a maior firma de construções da cidade (...). Ria o Favinho, Fabio Blumenfeld – anos depois contrabandista. Por enquanto ria. Se abraçavam uns aos outros e riam, se davam tapas nas costas e riam, rolavam no chão de tanto rir.

O alfaiate Chaim Iankel saiu de casa e deu uns tapas no funileiro polonês, que, a esta altura também ria, sem saber por quê. Dormia ao relento e morreu congelado naquele inverno (1972, p. 20).

A imaginação infantil é um dos elementos fundamentais na obra de Scliar, e através dela Joel sublima os seus conflitos internos (quando criança) e depois desenvolve sua personalidade. Maria Rita Kehl (2006, p. 17) destaca que a imaginação é necessária a criança para abordar os enigmas do mundo e do desejo, pois ela ainda não delimitou as fronteiras entre o verdadeiro e o inverossímil, “fronteiras estabelecidas, em parte, pelo recalque das representações inconscientes”. Para a autora, o medo tem papel de destaque na imaginação das crianças, sem, contudo, gerar traumas; ao contrário, é fundamental na formação dos sujeitos:

As crianças continuam interessadas no mistério; se ele se empobrece, elas o reinventam. Da mesma forma, são fascinadas por tudo o que desperte nelas a vasta gama de sentimentos de medo. O medo é uma das sementes privilegiadas da fantasia e da invenção; (...). O medo pode ser provocado pela percepção de nossa insignificância diante do Universo, da fugacidade da vida, das vastas zonas sombrias do desconhecido. É um sentimento vital que nos protege dos riscos da morte. Em função dele, desenvolvemos também o sentido da curiosidade e a disposição à coragem, que superam a mera função de defesa da sobrevivência, pois possibilitam a expansão das pulsões de vida (KEHL, 2006, p. 17).

Sendo assim, a formação dos meninos do Bom Fim é demasiadamente afetada pela Segunda Guerra, mas também eles são marcados pela incumbência de dar continuidade à tradição e elevar-se na vida, o que gera o dilema identitário: ter de conviver com a cultura local, sem perder a noção da particularidade judaica. A geração de Joel passa a descobrir-se entre as diferenças e os embates culturais – o que é assinalado nas guerras de “brincadeira” entre o grupo de Joel e os meninos da Colônia Africana. Entretanto, os câmbios culturais – a aculturação – são inevitáveis, e isto é simbolizado pela troca de alimentos entre Nathan e o negrão Macumba e depois pela morte de Samuel – devorado por Maria.

Ao passo que as crianças crescem e destacam-se em suas vidas, a comunidade judaica – tão unida na infância de Joel – se dispersa, as famílias acabam deixando o Bom Fim para morar em outros bairros, e o próprio Bom Fim se moderniza. A família de Joel também se desfaz. Nathan morre ainda garoto, Shendl perde a lucidez e é internada em um manicômio, Malke Tube e Samuel morrem, este último como churrasco de alemães – porém é comido apenas pela mulata sensual Maria.

Depois de finda a Guerra, o ex-combatente alemão Ralf Schmidt refugia-se no Brasil e vai morar no sopé do Morro da Velha, “estabelece-se com bar e armazém”, casa-se com Maria e tem três filhos. Samuel sempre o provocava com impropérios. No aniversário de Ralf, em pleno carnaval, os filhos deste, tentando assustar o homem que insultava o pai, acabam por matá-lo. Seu corpo, cortado em pedaços, transforma-se no churrasco do aniversário, todavia é só a mulata quem o devora – sem o saber.

A morte de Samuel representa a inversão de papéis, própria da carnavalização: no momento da narrativa, os perseguidos de outrora passam a perseguidores – é Samuel, o judeu, quem insultava Ralf, o alemão – e, nesta inversão de papéis, Samuel morre nas mãos dos antigos algozes de seu povo (como nos campos de concentração), justamente quando esse não é mais perseguido.

Com a morte de Samuel – último representante da família nascido fora do Brasil e mantenedor das tradições hebraicas –, grande parte da cultura judaica é deixada de lado por Joel. Desta forma, os costumes *sui generis* da primeira geração de emigrantes – Leão e Pessl – acabam transformados pela convivência inevitável entre pessoas de origens distintas, pelo tempo e pela assimilação aos hábitos locais. Portanto, a tradição não se mantém intacta para os descendentes de Leão e Passl e o paladino deste legado, Samuel, tem de morrer, mesmo que simbolicamente, para que o filho possa continuar sua trajetória e, assim, encontrar uma identidade no emaranhado entre o ser judeu e o ser brasileiro. O que se configura quando Joel, concomitante à morte do pai, envolve-se com uma *goim*, com uma moça não judia.

No momento em que Samuel morre, Joel sai e tem relações sexuais com Mali – filha de Soares de Castro, antigo dono de Malke Tube e de quem o animal nunca se desvinculou. O nome da garota seria uma homenagem do pai à antiga égua, Maliciosa, a qual, igualmente, Soares de Castro nunca esqueceu. Simbolicamente Malke Tube – a promessa de um futuro promissor – jamais pertenceu à família de Joel, no entanto, é apenas com a morte de Samuel e com a posse física de Mali – a personificação da égua – que o futuro promissor parece se abrir para Joel.

A infância, o pai, o irmão e a comunidade protetora ficam para trás, mas os laços com suas raízes pesam na formação do jovem Joel. Ele gradua-se em Odontologia e vive totalmente inserido no mundo que o abriga, entretanto, os antigos costumes ainda geram conflitos, e isso é representado pelo seu deslocamento constante entre o Bom Fim e o Morro da Velha – de onde provém seu sustento.

Cabe salientar que a antiga aproximação – social – entre a comunidade africana e judia ganha, então, desfechos diferentes: a condição de pobreza prevalece na vida dos descendentes da primeira comunidade, o que é indicado pelo espaço miserável em que vive, no Morro; a segunda comunidade, de seu lado, quebra a barreira e acende socialmente. Joel representa esse contraste.

Quando jovem, é o protagonista quem “invade” o espaço dos negros, diferentemente de sua infância, em que, nos jogos de futebol, estes é que invadiam o Bom Fim. Todavia, a “invasão” de Joel é positiva segundo os moradores do Morro da Velha. Joel representa a possibilidade de melhorar a qualidade de vida da população, o que é simbolizado pelos dentes da comunidade – em todo o texto, os dentes aparecem como marcadores da diferença.

O conflito identitário de Joel ganha proporção quando ele se encontra entre o casamento com Raquel e o romance com Marieta, outra das mulatas sensuais: Raquel constitui a aceitação das tradições por Joel, e Marieta o desvio destas e sua inserção total na cultura local. Raquel queria ser a rainha de Sabá, mas é Marieta quem é aproximada a esta – o que coloca as duas em ângulos opostos. Joel tem um romance com Marieta, mas este só terá continuidade depois de sua travessia identitária. Enquanto a percorre, reencontra Raquel, tão solitária quanto ele, e os dois chegam a namorar. Porém, seus caminhos se desencontram: Raquel descobre nos braços de um beduíno o tão almejado rei Salomão.

O conflito de identidade inicial se estende à vida adulta do protagonista e sua partida para a peregrinação (junto de um grupo de dentistas) aos primórdios de sua cultura: Israel. Mais uma vez a guerra entra no cenário. Como o narrador destaca, “enquanto Joel fazia a guerra no Bom Fim”, sua guerra “fantástica”, o seu dúplice – porém antitético a ele –, Abu Shihab, enfrenta uma guerra real:

Nas terras próximas de sua casa, até então abandonadas, havia uma torre de madeira com um holofote no alto. Ao lado da torre, barracas, caminhos, máquinas, ferramentas – e gente andando de um lado para outro como formigas. Eram os judeus.

(...) Em 1948 Abu Shihab ouviu canhões troando perto de sua casa. Um oficial jordani-ano veio conferenciar com os velhos da aldeia. Explicou-lhes que havia uma guerra e que deveriam sair de suas casas porque era perigoso. Depois que os judeus fossem expulsos teriam não só uma, mas duas, cinco, dez casas. A família de Abu Shihab foi para o campo de refugiados na Jordânia. Nunca mais saíram de lá (1972, p. 121).

O conflito a que o narrador se refere consiste na luta armada entre israelenses e palestinos, sendo parte de um contexto maior, o conflito árabe-israelense. Seu início remonta aos fins do século XIX, quando colonos judeus começaram a migrar para a região. Como o povo judeu não tinha um Estado próprio, muitos seguem para a Palestina, amparados pelo projeto do sionismo – cujo objetivo era refundar na Palestina um estado judeu; porém ela já era habitada há séculos por uma maioria árabe.

Com o final da Segunda Guerra, em 1947, foi deliberada, em assembleia realizada pela Organização das Nações Unidas (ONU), a divisão da Palestina em dois Estados: o Estado Judeu e o Estado Árabe. E, em maio de 1948, os judeus fundaram oficialmente o Estado de Israel, liderados por David Ben Gurion. Entretanto, o Estado árabe, anunciado pela ONU nessa partilha, jamais foi estabelecido.

A revolta dos países árabes foi imediata à criação do Estado de Israel, o que gerou o primeiro conflito árabe-israelense. Com apoio militar e financeiro, recebido de outras nações, Israel vence a guerra e domina mais da metade do território reservado aos árabes. Com a derrota de 1948, cerca de meio milhão de palestinos foram obrigados a deixar a terra em que viviam para se refugiar em países vizinhos. É nesse contexto que se situa o menino Abu Shihab.

Abu testemunha a “invasão”, pelos judeus, das terras próximas de sua casa. Em um primeiro momento, estes novos vizinhos parecem – a Abu e seus amigos – “gente boa”: “davam-lhes comida e remédios”. Mas depois eles se tornam “os inimigos” do garoto. Para Abu, a guerra não era um elemento de sua imaginação, como para Joel. Ele cresce em meio a ela, é expulso de sua casa em função dela: “A família de Abu Shihab foi para um campo de refugiados na Jordânia. Nunca mais saíram de lá” (1972, p. 121).

Sendo assim, para Abu a guerra é traumática – diferentemente dos meninos do Bom Fim, que sublimam a Segunda Guerra. O trauma gera em sua vida a ideia fixa de se tornar membro da *Al Fatah*, o que o impossibilita de ter uma vida normal e cursar a Faculdade (sonhada pela sua mãe) de Medicina – abandonada para ingressar na organização, mas nem assim consegue se realizar. Busca tornar-se extremista, mas não é aceito: “não foi admitido no *Fatah*. Desconfiavam dele, achavam-no instável” (1972, p. 138). Mesmo assim, diz pertencer a uma organização:

Pertenço a uma organização. Sim, uma organização extremista; porque sinto que não há outro caminho, outra escolha. Vocês consideram que têm direito a esta terra, e estou convencido que uma grave injustiça foi feita a nós, palestinos, e que se não fizermos uma tentativa final, perderemos todos os nossos direitos. Por isso abandonei a Universidade; para me tornar um homem de violência (1972, p. 139).

Vale salientar que o tom fantástico do primeiro capítulo, cujos elementos oníricos permanecem no segundo, também tem seguimento neste capítulo por meio dos delírios de Abu Shihab, mas o narrador deixa claro tratar-se de um desvario, diferente de quando se tratava da imaginação de Joel. O narrador, em nota, esclarece a fala de Abu sobre ele ter matado judeus – Abu, assim como Joel na guerra de Capão da Canoa, também travara uma guerra imaginária contra seus inimigos:

“Ó filhos dos meus inimigos! Matei algum de vocês (\*) – (...)”

(\*) Evidentemente não era verdade. Mas para Abu Shihab a intenção equivalia a ação; quando dizia para seus amigos: Mataremos todos os judeus. Atiraremos os judeus ao mar” – era como se, tão logo terminasse a última sílaba, os judeus estivessem mortos no fundo do mar. As palavras eram fortes, eles, fracos; as palavras os conduziam (nem sempre na direção certa, tinha de admitir) (1972, p. 139).

Dentro deste contexto, entre o menino palestino e o menino judeu brasileiro encontram-se aproximações – pela repetição de trechos<sup>1</sup> – e também oposição. Abu é palestino, tem um cão de olho vazado – o “outro” do cão Melámpio (que odiava os judeus) –, sua mãe é quem morre e o pai quem sofre de demência senil, quando criança trava a sua guerra “fantástica” contra os judeus, como Joel o fizeram na guerra de Capão da Canoa, ambos expõem vermes – esse episódio aproxima Joel não só do garoto palestino, como também de uma criança do Morro da Velha –, Abu estuda Medicina e ainda participa de protestos, não é “Rei e Capitão”, mas o “exército de um homem só”.

A trajetória dos dois – do homem aculturado, produto da migração, e do homem marginalizado, forjado “a ferro e fogo” pelo testemunho dos acontecimentos – segue trilhos distintos, no entanto, é apenas ao cruzarem as direções que suas fortunas se cumprem. De

---

<sup>1</sup> Ver quadro de aproximação entre Joel e Abu Shihab em anexo.

um lado, está Abu Shihab que se desloca por entre agruras, malogros e atrapalhões até seus passos esbarrarem nos de Joel: ao procurar o consultório do Dr. Rubinstein, em função de uma dor de dente, Abu defronta-se com o grupo de dentistas brasileiros e, entre esses, Joel. No mesmo momento, acaba por cumprir a missão que estipulara para si mesmo – mesmo que de forma desastrada: a bomba, que ele carregava em um pacote, após várias tentativas frustradas de detonação, é furtada pelo filho do Dr. Rubinstein e explode em um ônibus escolar. Sendo assim, Abu Shihab acredita ter cumprido seu destino.

De outro lado, está Joel que se transforma ao peregrinar e cruzar seu rumo com o de Abu: “‘Se eu pudesse viajar dentro de mim como viajei pelas estradas – do morro da Velha, de Israel...’ – pensa Joel” (1972, p. 193). Joel precisa percorrer sua travessia e sentir, como ao tocar o Muro das Lamentações, a dor milenar de seu povo; ele tem de derramar as lágrimas de “Shendl e de Samuel, de Rafael e de Nathan, de ‘Malke Tube’” (1972, p. 168) e de toda a sua gente para, só assim, regressar ao seu país, ao Bom Fim, redimido.

Ao mesmo tempo em que Joel retorna ao Bom Fim, Abu Shihab deixa sua terra natal e parte, visando ser um novo homem – ele desiste da ideia fixa – de tornar-se um homem da violência, “está cansado de ser rejeitado pelos guerrilheiros” (1972, p. 188): Abu embarca, no aeroporto de Beirute, para Londres, “onde pretende trabalhar e concluir seus estudos de Medicina” (1972, p. 188). Joel volta ao Bom Fim, lugar onde é “Rei e Capitão”, mas retorna sozinho.

Na solidão do regresso, Joel depara-se com mais uma guerra, uma guerra não esperada contra o corpo: “É então que tem uma dor no peito, uma dor severa, monumental, como se um marco gigantesco de granito lhe descesse sobre o tórax. Arquejando, tem de repente a certeza de que o infarto chegou. ‘chegou muito cedo’ – pensa, envolto pela névoa fria. E desmaia” (1972, p. 194). No Hospital em que é internado, reencontra a mulata sensual Marieta e, em meio à parafernália hospitalar, à morfina e ao eletrocardiógrafo, os dois se amam: “– Como nos velhos tempos, hem, safado? – diz Marieta, e depois, já suspirando de prazer: – Tu procuravas longe o que estava perto” (1972, p. 198). Marieta vai embora e Joel percebe, olhando o seu bairro/país pela janela do Hospital, que não importa onde esteja geograficamente, ou em que braços venha pousar a cabeça, ele sempre conservará sua origem e seus laços mais estreitos, será sempre o garoto judeu do Bom Fim.

Joel, em toda a sua caminhada, jamais deixou de lado o menino que foi, o pai e a mãe, Nathan, voando com os violinistas. Jamais abandonou os artistas que estruturaram sua história, sejam “os vilões: o funileiro polonês, o professor de Marcos, *frau* Schimidt, Francisco, Abu Shihab...”, sejam “os heróis: a turma do Bom Fim, Macumba, o Capitão Metsui-an, Abu Shihab...”; ou “os animais: a égua ‘Malke Tube’, o cão ‘Melâmpio’, o camelo ‘Maktub’” (1972, p. 189), todos sempre estiveram ao seu lado em cada passo dado – assim como ele também não abandonou o riso franco, tal qual o humor dosado e entremeadado em toda narrativa de *A Guerra no Bom fim*.

#### REFERÊNCIAS:

ARENDDT, Hannah. *As Origens do Totalitarismo: totalitarismo, o paroxismo do poder*. Rio de Janeiro: Documentário, 1979. Extraído de: [http://www.dhnet.org.br/direitos/anthist/marcos/hdh\\_arendt\\_origens\\_totalitarismo.pdf](http://www.dhnet.org.br/direitos/anthist/marcos/hdh_arendt_origens_totalitarismo.pdf). Acesso em: 09 de maio de 2012.

FREUD, Sigmund. *Obras completas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

KEHL, Maria Rita. Em busca de um lugar. In: CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mario. *Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SCLIAR, Moacyr. *A guerra no Bom Fim; novela*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1972.

### Anexo: Características comparadas de Joel e Abu Shihab

	Joel	Abu Shihab
Guerras imaginárias:	<p>Os nazistas atacaram Capão da Canoa numa noite escura de janeiro de 1944. (...) Todos dormiam; menos Joel que, na porta do quarto, urinava na areia olhando o mar. Foi então que viu lanternas piscando de acordo com o código Morse. Imediatamente deu-se conta da situação. Falava-se de um plano de dominar Capão da Canoa e de lá invadir o Bom Fim (...) Nos chalés as famílias dormiam sem imaginar o perigo que corriam.</p> <p>Em poucas palavras Joel explicou o que estava acontecendo.</p> <p>Ao mesmo tempo fez uma pequena preleção destinada a levantar a moral de seus comandados.</p> <p>[...] Ficaram deitados quietos, sentindo a areia fina e úmida em suas barrigas nuas. Olhavam o mar, mas nada viam: era noite sem lua, era a noite do mal (p. 60).</p>	<p>As famílias dormiam, sem imaginar o perigo. Em poucas palavras Abu Shihab disse o que estava acontecendo. Ao mesmo tempo fez uma preleção destinada a levantar o moral de seus companheiros.</p> <p>– Mataremos todos os judeus. Atiraremos os judeus ao mar. Enforcaremos um judeu a cada poste de Tel Aviv. Começou o <i>Jihad</i> – a Guerra Santa!</p> <p>Os companheiros saudaram suas palavras com entusiasmo. Depois correram e se espalharam pelas colinas. Deitaram-se e ficaram quietos, sentindo a grama úmida em suas barrigas (p.136).</p>
Vermes:	<p>Joel ela via com a barriga cheia de vermes; comprava todos os vermífugos que o rádio anunciava e despejava-os pela goela do filho. Uma vez, na sinagoga, Joel vomitou um verme perto do Rabino (p. 27)</p>	<p>Abu Shihab foi examinado por um médico, que o fez tomar vários comprimidos. Naquela noite Abu Shihab acordou com cólicas. Saiu de casa correndo e no campo da Galiléia, sob a luz do luar, evacuou trinta e dois vermes, alguns ainda vivos.</p> <p>Abu Shihab pôs-se a mexer neles com uma varinha. (...).</p> <p>Na manhã seguinte mostrou ao pai o que tinha evacuado. O homem cuspiu e olhou para a torre de madeira. “Os judeus” – disse – “são como estes vermes”. E pisando neles,</p>

		afundou-os na terra macia (p. 121).
Participação em protestos universitários:	<p>Eram sete horas da manhã mas os corredores da Faculdade de Odontologia já estavam cheios de gente. (...) A confusão era total. “Falta disciplina, falta organização!” – gritava Mota, impaciente. “Aqui, fila por quatro!” – dizia Jurandir, de pé sobre uma cadeira.</p> <p>(...) Em frente à Faculdade os estudantes estavam reunidos e debatiam. Um estudante perguntava sobre o resto da América Latina e o pessoal não sabia responder: alguns achavam que a situação estava madura, outros que não. Um estudante perguntou sobre sua mãe, uma viúva que tinha uma fábrica de doces. “Se tem os meios de produção na mão, está ralada” – opinava um estudante. Dois estudantes ponderavam que ela não era propriamente capitalista (...)</p> <p>“O que estou fazendo aqui?” – perguntava-se Joel. – “Meu Deus, o que estou fazendo aqui?” (p. 91 e 92).</p>	<p>Lá participava de reuniões em que havia mais tumulto do que qualquer outra coisa. “Falta disciplina, falta organização!” – gritava um estudante. “Abaixo a disciplina totalitária!” – gritava outro. Um estudante era a favor de uma aliança com o governo do Egito, mas dois estudantes eram contra. Muitos estudantes achavam que a vitória final só seria possível com o socialismo; mas outros admitiam uma coligação com a burguesia nacional. “Que burguesia nacional?” – perguntava um estudante, e ria.</p> <p>Lá ficou conhecendo membros de <i>Al Fatah</i>. Desde então o estudo não teve mais sentido para ele (p. 138).</p>

Recebido em: 04/04/2015

Aceito em: 09/06/2015

---

<sup>i</sup> Mestre em Letras e doutoranda pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Autora de *Como fruta dentro da casca: Dom Casmurro em Memórias póstumas de Brás Cubas*. email: [christiniroman@gmail.com](mailto:christiniroman@gmail.com).